



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

|                                                              |                                           |
|--------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <b>Autor/editor:</b> Johan Schimanski e Stephen F. Wolfe     | <b>Cód.:</b>                              |
| <b>TÍTULO:</b> Border Aesthetics: Concepts and Intersections | <b>Data da ficha:</b><br>31 de Julho 2018 |
| <b>Editora:</b> Berghahn Books                               |                                           |
| <b>Ano:</b> 2017                                             |                                           |
| <b>ISBN:</b> 9781785334641                                   |                                           |
| <b>Páginas:</b> 188                                          |                                           |

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

A questão da “performatividade” da fronteira faz-nos pensar no que é que vem primeiro, a fronteira ou a performance. Segundo Georg Simmel (1997), a fronteira não é um facto espacial com implicações sociológicas mas um facto sociológico que se traduz em divisões espaciais. A separação entre entidades gera também uma ligação entre elas. Nas palavras de Judith Butler (2009), a fronteira é produto da relação, conceito que descreve um processo negocial que cria laços profundos entre as entidades que separa.

As fronteiras podem ter vida própria, produzindo aquilo a que os autores chamam “efeitos fronteiriços”, que tanto podem servir para manter como para problematizar a fronteira original. Estes efeitos são sempre imprevisíveis.

Ao trazerem à discussão a dimensão estética da fronteira, os autores pretendem investigar o modo como a fronteira é experienciada: por exemplo, que critérios determinam a apreensão sensorial da fronteira? Segundo Jacques Rancière, é a “distribuição do visível” que conduz a política – se determinado fenómeno é visível, se podemos falar sobre ele e, acima de tudo, quem fala sobre o quê. A atenção dos autores recai também sobre as fronteiras entre os vários géneros artísticos. A manutenção das fronteiras faz-se pela via da performance mas às vezes estas sobrevivem também na memória (nas chamadas “memoryscapes”, ou “paisagens da memória”). Um dos capítulos do livro debruça-se sobre os palimpsestos, mostrando que as fronteiras podem perdurar dentro de outras fronteiras.

Apesar de fronteiras no mundo real e fronteiras na arte não serem a mesma coisa, as segundas são tão reais como as primeiras e, visto que as fronteiras concretas dependem em grande parte de critérios estéticos, estes devem ser estudados com a mesma seriedade.

Interessa-lhes acima de tudo estudar aquilo a que outros autores (Strüever 2005; Brambilla 2010) têm chamado “borderscapes”, ou “paisagens da fronteira”: redes de símbolos e sentidos que se estendem para lá das demarcações espaciais. Este fenómeno só pode, então, ser estudado de uma forma interdisciplinar, da Geografia aos Estudos Culturais.

Quais são os géneros artísticos que usamos para pensar a fronteira? No norte da Europa, por exemplo, é comum pensar-se a viagem que os turistas fazem da Noruega para a Rússia recorrendo às convenções do “road movie”. O “vídeo participativo” é um género usado por migrantes que atravessam as fronteiras Euro-Africanas. Os Mexicanos, por sua vez, optam muitas vezes pela música, mais especificamente o “álbum conceptual”. Todos estes géneros pensam a fronteira não só como divisão mas como relação.

As fronteiras que tendemos a ver como “naturais” são elas próprias flexíveis e dependem do modo como são pensadas e experienciadas. A “naturalização” das fronteiras legitima certas divisões, permitindo que certos movimentos sejam vistos como contranatura. Como nos diz Bruno Latour, a natureza está sempre já à partida implicada em redes de significados políticos (“ecologia política”), de modo que não faz sentido distinguir entre natureza e cultura.

Na última secção do livro, os autores tentam ir contra a ideia de que a discussão sobre as fronteiras deve centrar-se na travessia. Esta secção debruça-se, pelo contrário, no efeito de impasse provocado pela fronteira, estar no limite entre estados e estórias.

## **1.2. Palavras-chave:**

Performatividade; Efeitos Fronteiriços; Estética; Distribuição do Visível; Paisagens da Memória; Palimpsesto; Paisagens da Fronteira; Naturalização das Fronteiras; Ecologia Política; Travessia; Impasse; Limite

## **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Schimanski, Joahan / Stephen F. Wolfe (2017), *Border Aesthetics: Concepts and Intersections*. Berghahn Books, 2018.